

## **Avance aqui na dialética e torne-se você um dialético também**

**Mas o que é dialética, afinal? O princípio básico da dialética e do atrito (portanto, da realidade) é: *tudo flui*, isto é, tudo está em movimento e é, por isto, necessariamente, causa, determinação, origem de novas coisas que estão sempre surgindo na realidade. E tudo está em movimento porque existe a força gravitacional, responsável pela atração e repulsão dos corpos, os quais se atraem ou se repelem e, por isto, nunca deixam de estar em movimento. Aqui começa a magia: se tudo está em movimento, está obviamente em choque e em atrito com alguma coisa. Exemplo: o pingo de chuva que cai permanece em atrito com a atmosfera até se chocar com o chão. Ora, o que se encontra em atrito está, necessária e inevitavelmente, em transformação, até se tornar outra coisa. O mesmo pingo de chuva começa avantajado e vai sendo reduzido de tamanho à medida que se atrita com a atmosfera. O novo que surge desse processo, em que o atrito é causa, é o pingo de chuva ir se tornando cada vez menor, até se estatelar no chão. Outros novos surgem daí: o chão de terra mais molhado, com a queda do pingo, tornando-se mais apto para germinar a semente etc. Tudo que surge na realidade aparece assim, fruto de processos como este, em que sempre – repito, sempre – houve antes um ou mais atritos (lutas de contrários). E o atrito é a dialética, ou seja, a dialética é, por exemplo, o atrito entre a água mole e a pedra dura, é a água que tanto bate até que fura. O furo na pedra é o novo produzido pelo atrito, ou melhor, é o novo que emanou da dialética que se processou a partir do atrito entre a água e a pedra. Ser dialético é, portanto, se perguntar sempre quais os atritos que ocorreram para produzir aquele objeto que estudamos e estamos tentando conhecer. Isto porque existe, sim, a causa de tudo, existe Deus, e ele é o atrito. Tudo está em atrito, fatalmente. Como todo atrito se processa dialeticamente (a água batendo dialeticamente na pedra até furá-la), há que entender que o furo na pedra só ocorre por causa do atrito, da mesma forma que tudo surge e acontece na realidade por força de um ou mais atritos. Dessa forma, se desejamos entender a realidade, temos de raciocinar desta maneira, isto é, temos de raciocinar dialeticamente, tomando como fato inexorável que tudo surge do atrito e tudo está em atrito.**

Resumindo, tudo está em movimento e é causa de "novos" fenômenos que despontam no real. Tudo é, portanto, efeito e causa, ou seja, efeito de algo que se processou antes e, ao mesmo tempo, causa de algo que virá a seguir, do atrito, como elemento novo que despontará na realidade.

Não existe nada estático no universo, em repouso absoluto. Nada, nem mesmo a pedra que está parada no alto da montanha. Ela ali está sofrendo os efeitos das intempéries e com seus átomos em agitação quântica. Mesmo que se encontre literalmente em repouso no alto da montanha, a pedra está em movimento porque o planeta Terra, já nos provou Galileu, também se move, gira elipticamente ao redor do Sol, além do que todo o universo segue em uma determinada direção.

Esses processos, que a partir do movimento dos corpos resultam no aparecimento de novos seres e objetos na Natureza, são todos *dialéticos*. Ou melhor, surgem, manifestam-se e se afirmam na realidade dialeticamente. Como se dão tais processos dialéticos? Assim: tudo que existe e é concreto se afirma (surge) na realidade a partir de forças contrárias que se contrapõem, formando um turbilhão (um buraco negro) que, no final da linha (final que é sempre começo de outra), resulta invariavelmente em algo novo. Qualquer coisa, sem exceção, forma-se dessa maneira, ou seja, procede de um turbilhão semelhante a esse e surge como uma síntese de tudo aquilo que o determinou.

Você, internauta, também se formou assim, a partir de uma efusão emanada do *turbilhão dialético*. Forças contrárias entraram em combinação e em contradição, na realidade (no mínimo, um homem, uma mulher), uma engendrando a oposta, uma ora atraindo a contrária, ora deixando-se atrair por ela, até que, dessa teia de forças em oposição, resultou – após uma sucessão de vaivéns dialéticos – você, leitor.

Um exemplo: o raio que cai sobre a árvore, derrubando-a, queimando-a e destruindo-a. Assim que o raio se forma, também a partir de forças contrárias (de fenômenos físico-químicos que se contrapõem na Natureza), ele imediatamente engendra seu oposto, a árvore, e se deixa também atrair por ela, atingindo-a e destruindo-a. Daí nasce o novo, a árvore já destruída pelo próprio raio.

Assim, quando o raio cai, atraído por algum corpo terrestre, é o raio que acabou de engendrar seu oposto, a árvore, até atingi-la, queimá-la e destruí-la, surgindo algo novo desse buraco negro, a árvore já destruída. E é também a árvore atraindo o raio para ser destruída, tornando-se, assim, fonte geradora de outros novos na Natureza. Sua parte morta servirá de adubo para a vegetação que está ao seu redor, o fato de não produzir mais frutos modificará o meio ambiente em que ela floresceu e assim por diante, sendo gerados daí muitos "novos" na Natureza. Eis o movimento dialético dos corpos e de tudo que existe na realidade.

Em suma, por atração e repulsão (a contradição), forças contrárias entram em choque (em atrito) e formam o turbilhão que, no final da linha, resulta na criação e aparecimento de novos seres e objetos. Assim ocorre com tudo: há sempre uma causa, que na verdade é esse movimento dialético que se registra nos corpos em conflito, um agindo sobre o outro, num vaivém ininterrupto, até que desse processo desponta o novo. Essa é a *fluidificação* da matéria, que está sempre em movimento (portanto, fluindo) e, com isso, determinando o aparecimento de outros seres e objetos.

A palavra "dialética" vem do grego e significa, originalmente, a arte de dialogar, debater, discutir. Os gregos foram os que mais desenvolveram o diálogo, especialmente com Aristóteles e sua peripatética, que era a conversa sobre grandes temas mantida pelos filósofos com seus discípulos enquanto caminhavam.

Os gregos descobriram que, quando se trava um diálogo entre duas pessoas, dele podem emanar verdades que nenhuma das partes sabia ou conhecia antes de iniciar a conversa. Um diz algo, outro rebate e esta troca (vaivém) de informações – o diálogo, a dialética – leva à descoberta de outros dados de realidade que não estavam na cabeça de nenhum dos interlocutores, uma espécie de milagre que emana da conversação.

Veja este exemplo de diálogo entre dois vizinhos, que já usei em meu livro *Terra em Trânsito* (2001), em que fica bem claro como de uma conversa podem surgir novidades a respeito do que se está discutindo, das quais nenhuma das partes tinha antes conhecimento. A conversa define bem o que é dialética.

Vizinho 1 – Pois é, minha mulher foi à feira e está demorando.

Vizinho 2 – À feira? Mas, como? Hoje é terça. A feira aqui perto é quarta.

Vizinho 1 – Quarta? Como? Mudou de dia?

Vizinho 2 – Mudou, no mês passado. Não sabia?

Vizinho 1 – Não, não sabia. Então, onde foi minha mulher, se não à feira?

Vizinho 2 – Não sei.

Vizinho 1 – Mas ela me disse que iria à feira.

Vizinho 2 – Bem, eu a vi deixando o prédio agorinha mesmo. Estava no carro do novo vizinho aí de cima.

Vizinho 1 – O que tem um Mercedes?

Vizinho 2 – É.

Vizinho 1 – Puxa, há três dias que ela não fala de outra coisa senão desse vizinho. Mentindo pra mim e dizendo que foi à feira, a safada!

Como se vê, dessa troca de colóquios, do diálogo, o Vizinho 1 e o Vizinho 2 acabam descobrindo o que nenhum deles suspeitava: que a mulher do Vizinho 1 pode o estar traindo. Esta verdade emanou da conversa e nenhum deles tinha antes a informação, nem sequer desconfiava de que aquilo poderia estar acontecendo.

A arte de dialogar – a dialética – consiste em fazer verdades emergirem de uma conversa, no dá aqui, toma lá. A ciência (autêntica) descobriu que, na realidade objetiva, tudo surge e se afirma dessa maneira que vimos, ou seja, de forças contrárias que interagem e se contrapõem, exatamente como acontece num bom diálogo, numa boa dialética. Por isso, roubou o termo dos gregos – dialética – para designar a maneira como as coisas surgem na realidade. Tudo na objetividade, já vimos, nasce a partir de processos dialéticos que muito se assemelham ao diálogo comum travado entre as pessoas, em que o ponto-chave é a luta de contrários, o atrito.

Já vimos que cada lado (pólo) da luta de contrários (do atrito) passa a exercer certa pressão sobre o outro e vice-versa. São contradições entrando em oposição, o que parece ser redundância, mas não é. São opostos entrando em conflito. Começa assim o progressivo vaivém de forças contrárias que se contrapõem em ziguezagues, ou seja, em avanços e recuos momentâneos. Desse movimento e desse confronto de energias, acaba se formando o novo. Eis as energias despendidas pelos pólos que se contrapõem e que assim se manifestam por causa da fluidificação, resultado da luta de contrários (do atrito).

A contradição (o atrito) é, portanto, o arquiteto do movimento dos seres e objetos, logo, o motor que põe de pé a realidade. Outro dia, minha filha Cheyenne, de 14 anos (em 2007), contou-me uma piada que me convenceu da importância do atrito na formação e afirmação dos seres e objetos. "Pai, você sabe que Pinóquio era de madeira e pegou fogo, não sabe?" – ela me perguntou. "Sei" – respondi. "E você sabe por que ele pegou fogo?" – continuou. "Não" – respondi. "Porque bateu punheta" – concluiu. Como você vê, o atrito quase fez até Pinóquio arder em chamas.

Assim, o resultado da contradição (da luta de contrários, do atrito) é o novo que acaba se afirmando no real. No caso de Pinóquio, o arder em chamas. Na visita que fez às ilhas Galápagos a bordo do Beagle, Darwin observou que alguns exemplares de pássaros de uma mesma espécie apresentavam, numa das ilhas, um formato de bico diferente dos que apareciam nas demais ilhas. Os estudos revelaram que apenas nessa ilha havia um tipo de fruto com uma casca dura e resistente, que precisava ser quebrada para que ele servisse de alimento. Os pássaros que se alimentavam do fruto naquela ilha acabaram criando, no atrito, pela seleção natural, aquele tipo diferenciado de bico, entortado para baixo, ausente nos demais exemplares da mesma espécie. Eis o atrito com a Natureza determinando até mesmo o formato de bico das aves.

Como toda luta de contrários tende a se resolver, tem razão Marx quando diz que a luta de classes, que encerra essa contradição espúria e antagônica perpetrada pelo próprio homem, é o verdadeiro motor da história humana.

É como acontece numa luta de boxe, um bom exemplo de luta de contrários. Dois pugilistas defrontam-se, trocando golpes. Vão lutando assalto após assalto. Cada um é uma força contrária que recebe e, ao mesmo tempo, emite uma enorme variação de golpes (atração e repulsão), inúmeras vezes, em direção ao adversário. À medida que os golpes vão sendo desferidos, quem os recebe vai se modificando, na sua aparência e nas suas feições. Vai tendo dores, recebendo cortes e vendo surgirem fissuras e hematomas no rosto e assim por diante.

São mudanças meramente quantitativas aparecendo, é o novo despontando. Ao mesmo tempo em que o pugilista vai se modificando no transcorrer da luta com os golpes recebidos, vai,

igualmente, transformando o seu oponente, ao também acertar nele golpes. Processa-se assim o vaivém dialético, o toma ali, dá cá, até que, num determinado momento, um deles acerta o golpe derradeiro e leva o adversário a nocaute.

É quando se dá a mudança qualitativa e surge o novo derradeiro. Se não houver nocaute, de qualquer maneira a luta terá terminado com os dois antagonistas em situação bem diferente da original, ou seja, de quando começaram. Serão seres novos, transformados e transmudados, ainda que continuem sendo os mesmos seres. E, por terem lutado um contra o outro, produziram também outros novos: os ferimentos que ficaram em cada um, uma luta encerrada na memória de quem a assistiu e que tais. É assim, dialeticamente, que tudo desponta na realidade, impondo-se como novo.

Os elementos causais que entram em contradição no real para forjar o novo se colocam, dessa forma, como causa e, portanto, essência desse novo. Assim, os pólos contrários – a contradição que se formou – são a razão de ser, o real significado (o sentido), a causa desse novo que despontará. Isto faz da contradição – da luta de contrários, do atrito – o único dado, em qualquer processo de formação do novo, capaz de patentear a essência.

Dessa maneira, ser dialético é capacitar-se a entender a realidade a ponto de poder capturar e dominar suas principais tendências. É por isso que o dialético sabe mais que os outros. Se tudo que existe é sempre pólo de nova luta de contrários (contradição), ou seja, é fim de um processo e, ao mesmo tempo, início de outro que, posteriormente, resultará no novo, tudo contém uma tendência no seu fluir. Eis aqui o segredo da realidade. O segredo científico.

Ao mesmo tempo em que toda contradição tende a se resolver, ela também sempre resulta em algo novo, logo, contém tendências que só podem ser identificadas pelo dialético. O verdadeiro dialético é aquele que capta essas tendências, daí ser "futurólogo" também. Quando você conhece o boxe, sabe o que pode acontecer durante uma luta. Sabe quais são as tendências nela presentes.

Da mesma forma, quando você é dialético, sabe reconhecer as tendências sociais e pode fazer um exercício de "futurologia". Por exemplo, se você vive numa sociedade de classes e tem consciência disto, sabe que a luta travada entre as classes, no seio dessa sociedade, tende a se resolver. Sabe também que desta luta advirá algo novo, que pode ser o fim das classes ou outro fenômeno possível a partir daí. Portanto, você está apto a prever o futuro.

Os grandes futurólogos, como Nostradamus, foram, na verdade, dialéticos intuitivos. No momento em que você capta a tendência, pode "prever o futuro" e "profetizar". E só é possível captar a tendência se você souber que a realidade não passa de dispêndio de energia que segue (flui) numa direção, ou seja, são tendências que podem se concretizar ou não.

Toda forma de energia contém uma tendência. Quando ela se contrapõe a outras, formando o turbilhão dialético e criando o novo, realiza suas tendências. Assim, quando o homem entende e domina uma determinada forma de energia, sabe também quais são suas tendências. Do que se pode concluir que as tendências regem o comportamento da matéria. E você só é capaz de saber isso – e tornar-se mais apto a entender verdadeiramente a realidade – se for dialético.

Conheci muitos não-dialéticos, inclusive cientistas. A maior crítica que fazem à dialética é que ela é reducionista. Costumam dizer que a dialética reduz tudo à luta de contrários, ou seja, à contradição. No âmbito social, ela reduziria tudo a uma única contradição, a luta de classes. Enfim, esta é a queixa: segundo a dialética, tudo se explica pela luta de contrários e, na sociedade, pela luta de classes. Os críticos não estão de todo equivocados, mas a crítica não procede e carece de sentido. A realidade – e não a dialética – é que se reduz à luta de contrários e, no campo social, à luta de classes.

Ninguém tem culpa de que a realidade objetiva seja dialética e se processe assim, a partir da luta de contrários (das contradições, algumas saudáveis e desejáveis, outras não). O mundo é desse

jeito, a Natureza também, o mínimo que se pode fazer é aceitar esta lei geral. Assim, a contradição, antes tão rejeitada e enjeitada pela lógica aristotélica e cartesiana, volta – com Hegel, Marx e Engels – a ocupar lugar de destaque no panteão do conhecimento científico. Ou melhor, chega ao mesmo posto que já havia alcançado quando Heráclito de Éfeso desvendou e erigiu a dialética e elegeu a contradição como ponto mágico capaz de fazer até chover e de onde tudo provém.

Mais: ao voltar a ocupar este lugar, a contradição põe por terra (supera) a lógica aristotélica e cartesiana, que é simplória, superficial e equivocada, porque enxerga os seres e objetos de forma linear e mecânica (só vê o movimento dos corpos quando o captura pelos sentidos, e também por achar que os corpos não se movimentam quando estão em repouso).

Foi a ciência autêntica que desvelou a importância da contradição como elemento fundante do novo na realidade objetiva. Foi ela que chegou à verdade segundo a qual tudo é gerado a partir de forças contrárias que se combinam e entram em conflito. Foi Hegel-cientista quem descobriu que a contradição é a verdadeira fonte do real. "*A contradição é a própria determinação da essência*", dizia, com convicção. Mas o cientista moderno ainda não entendeu isso, é corpo estranho para ele.

Estamos, portanto, numa nova era da razão, numa espécie de Novo Iluminismo, em que a verdade já se descortinou para a ciência, só os cientistas contemporâneos e o homem comum é que não perceberam. Ao contrário, continuam desprezando e não considerando a descoberta. É quando tropeçam feio, porque, ao não reconhecerem a contradição como elemento decisivo na formação do novo, deixam de entender a realidade e, pior, tornam-se incapazes de identificar e solucionar os verdadeiros problemas humanos. É por isso que o cientista moderno não faz ciência verdadeira e, quando descobre algo relevante, é sem querer que o faz.

A importância da descoberta de que a realidade é assim, dialética, resultado de contradições, reside no seguinte: se a realidade é dessa forma, dialética (e ela o é, já está provado cientificamente), então tudo na realidade (tudo mesmo) não é criação do divino nem nasce de geração espontânea, mas é fruto de processos dialéticos, complexos e duradouros, todos com causas passíveis de identificação e de comprovação científica, mesmo que acidentais e casuais.

A dificuldade do cientista e, inclusive, do intelectual e das celebridades para entender isso (a dialética) é antiga. O primeiro de quem se tem notícia a escrever algo sobre a dialética (seu descobridor), Heráclito de Éfeso, também foi vítima disso. Ele viveu provavelmente entre 540 e 470 antes de Cristo. Heráclito parece ter sido o primeiro a revelar ao mundo que a realidade, ao contrário do que muitos imaginam até hoje, é dialética, e não linear como aparenta. Deixou um livro, *Sobre a Natureza*, em que põe de pé os princípios da dialética. Foi muito pouco entendido, tanto que era conhecido como Heráclito, o Obscuro (*skoteinós*, do grego).

Dessa maneira, é preciso fixar isto: a dialética, a ciência já o comprovou fartamente, não é criação de pensadores, é lei geral da matéria, é princípio que rege todas as coisas. Também não é método, sistema de valores, modelo criado por alguém para ser aplicado à realidade em substituição à razão convencional, como queria Jean-Paul Sartre. É bom repetir, a realidade é que é dialética e tudo nela se afirma por meio de processos dialéticos – daí que, se não a entendemos com precisão, não conseguiremos jamais compreender o que são o mundo real, este texto, você, internauta, enfim, nada.

Em resumo, há evidências mais do que suficientes para comprovar: na Natureza, tudo surge e se processa dialeticamente. Como a ciência e os cientistas modernos têm uma dificuldade enorme para entender isto, a despeito de a dialética ser óbvia e banal, descartam-na e a desprezam. Nesse momento, deixam de fazer leitura correta da realidade e enveredam por descaminhos, o que os leva a cair frequentemente no abismo da visão parcial, quando não da desrazão e da falsa consciência. Por isso, não surpreende que a ciência moderna seja tão errática.

A dificuldade para se familiarizar com a dialética leva os cientistas de hoje a entenderem, quando muito, de seu mundinho (de sua especialidade) e a perderem de vista o todo e, por isso, o sentido das partes. Isto é, a perderem o essencial, principalmente no que se refere ao homem. Quando superam as fronteiras de sua especialidade e caem na interdisciplinaridade, acumulando conhecimentos de outras áreas, ficam, ainda assim, em sua maioria, no meramente superficial, enfim, nos dados gerais, como enunciados e afins, e não avançam.

São os cientistas ilustrados, ou o que eu chamo de enciclopedistas, aqueles dotados de muita erudição e pouca razão. Têm um mar de informações na cabeça, mas não sabem o que fazer com elas e acabam não entendendo nem a ciência nem a realidade. Eis a razão pela qual estão, hoje mais do que nunca, impedidos de assimilar as reais descobertas científicas e fazer ciência autêntica.

Mas todos os cientistas – e também os jornalistas especializados na área da ciência – precisam chegar lá, dar esse salto em direção à razão e mergulhar no verdadeiro conhecimento. Para a maioria deles, não é fácil. Com certeza, entender e aceitar o que passarei a expor a seguir, para eles, é um parto. O que faz normalmente o cientista atual – e também o jornalista que acompanha a atividade científica – diante das idéias que põem abaixo suas velhas convicções? Cientista-padre, ele imediatamente as rejeita, como faz o padre quando topa com qualquer coisa que questiona ou nega a noção de transcendência. Ou seja, enfia a cabeça no buraco negro da alienação, tal qual avestruz, e se recusa até a examinar, quanto mais a aceitar.

É o que, muito provavelmente, já está acontecendo com você, leitor, ao ler o presente texto. Tenho certeza de que muitos, tanto cientistas quanto comentaristas especializados em ciência, interromperam a leitura já nas primeiras páginas, tão logo toparam com a primeira idéia que veio a esbarrar em convicções já fossilizadas em sua mente. Sempre é bom lembrar que a alienação interessa muito ao capital e é uma necessidade da vida regida por ele.

Sem o alienado – ou seja, sem o *vir obscurus* –, o capitalismo sucumbe. Lúcido e consciente de que é violentado diariamente pela prática da expropriação de mais-valia e ciente de que essa situação o leva ao apoucamento e à loucura (à barbárie dos crimes e assassinatos), o homem pode responder a isso, reagir e se revoltar. Logo, mudar esse estado de coisas que o constrange e o oprime. É "melhor", então, que permaneça inconsciente, alienado, *virobscurecido*.

Eis o grande problema do cientista hoje em atividade: a maioria está presa às próprias convicções, muitas delas falsas e equivocadas, e não consegue se libertar. Porém, é preciso tomar consciência para poder avançar, nem que, para tanto, o cientista ou o comentarista especializado tenham de mudar a cabeça. Deixe de lado as idéias preconcebidas, as convicções capengas, os dogmas e os clichês. Ilumine o seu caminho.

Nietzsche, de quem discordo em quase tudo, dizia que as convicções são o maior obstáculo à consciência, mais do que a mentira. Que normalmente fazemos das convicções verdadeiros atos de fé e é difícil nos livrarmos delas. Nietzsche também tinha claro que fé demais cheira mal: "*Fé é querer ignorar tudo aquilo que é verdade*", dizia. A partir da comprovação científica do reflexo condicionado, por Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936), ficou fácil entender por que o homem raramente muda a cabeça e tem dificuldade de se libertar das próprias convicções, mesmo quando elas são as mais equivocadas.

O homem tem-se tornado refém de suas convicções. Elas passam a ser verdades para ele. Nunca surgem do nada. Estão aí, na sociedade, nós usualmente as abraçamos. De vez em quando, um de nós desvenda uma verdade e aí derruba uma velha convicção. Em seguida, esta verdade pode chegar ao conhecimento dos homens, transformando-se em convicção para outros também. É a nossa contribuição para o conhecimento, ou para a alienação, se a nova convicção também for falsa.

Na sociedade do capital, esta em que vivemos hoje, somos induzidos diariamente a adquirir falsas convicções. O capital, amparado pelos meios de comunicação e pela publicidade, dois de seus braços mais fortes, cria diariamente em nós novos hábitos de consumo, de produtos que nem sempre são benéficos para o homem e podem até vir a ajudar a destruir o meio ambiente. Ou seja, somos sempre compelidos a adquirir, com muita facilidade, convicções que podem estar equivocadas, e depois é muito difícil nos libertarmos delas.

Pavlov demonstrou que o homem se vicia nas próprias convicções, deixa-se condicionar por elas, e raramente procura avaliar se são corretas ou não. Adquirimos na convivência social, ao longo da vida, noções e convicções falsas – ou verdadeiras que depois demonstram ser falsas – a respeito das coisas. Elas então se fossilizam em nós e dormitam, mesmo após se tornarem ultrapassadas, de forma que ainda assim continuamos acreditando serem corretas, e nada mais nos faz mudar.

Os indivíduos tornam-se, portanto, escravos de suas convicções – isto é, de muitas inverdades –, da mesma forma que o cão é condicionado a morder, a partir de estímulos externos. Assim é a humanidade, assim são as celebridades, assim são meus amigos, assim são os cientistas.

Isto prova que nem mesmo a importância dos achados científicos de Pavlov foi suficientemente avaliada pelos cientistas. Ao descobrir o reflexo condicionado, Pavlov revelou ao mundo que o homem, como qualquer outro animal, reage a estímulos externos, adapta-se e condiciona-se a eles. Isto é, que o homem pode condicionar-se, viciar-se e tornar-se dependente de tudo, inclusive da dor e do sofrimento, e até mesmo de suas falsas idéias e noções.

Por exemplo, o cientista de hoje, na sua gritante maioria, já se condicionou às falsas noções e conceitos que aí estão, de Estado, política, justiça, religião, família etc. Não sabe o que são de fato e não consegue nem mesmo desconfiar de que tem uma visão equivocada. A única saída, neste caso, é antiga, já proposta por muitos, inclusive John Lennon: o primeiro grande passo para chegar à consciência é mudar a cabeça e aceitar as verdades verdadeiras deste mundo. Abra o coração, mude a cabeça, se necessário, e siga em frente.

Por que o cientista moderno, principalmente o cientista-padre, enfrenta tantas dificuldades que o tornam assim tão limitado? Resposta: porque, por não ser dialético, ele não entendeu ainda a importância do aspecto social, o que é a sociabilidade, o que são realmente as relações humanas. Cultiva uma visão mecânica e não-dialética da realidade objetiva (do meio social pelo qual transita e no qual convive), ou melhor, imagina que a esfera social seja uma coisa, quando, na verdade, é outra, completamente diferente e oposta à que imagina. Em outras palavras, pensa que sabe o que são a sociedade e suas relações, mas não sabe.

Outro exemplo: quando a ciência revela ao cientista, como já fez muitas vezes, que a criminalidade e as doenças resultam do campo social, o cientista-padre não acredita, não vê cientificidade no achado e recusa-se a aceitar e a continuar dando ouvidos. Acontece que este fator social é sempre a verdadeira fonte geradora de tudo que diz respeito ao homem, já o comprovou a ciência. É ali que a trajetória humana se desenrola e se desenlaça, que nossa aventura se materializa e transcorre nossa história. Até nossa genética é resultado da esfera social, desde que seja esta entendida como de fato é, e não como o tem sido vulgarmente, inclusive pela ciência moderna.

O cientista atual encontra dificuldade para entender isto porque, filho desta mesma sociabilidade, tem – há exceções, é claro – raciocínio curto, mecânico e não-dialético. Acha que os dados e fatos da realidade nascem e acontecem mecânica e espontaneamente, num simples passe de mágica, até porque, acredita, eles podem ser crias, se não de Deus ou de algo transcendente, de uma força físico-química misteriosa qualquer.

Acontece que a sociedade – esta em que vivemos – não produz mecanicamente nada. Tudo na sociabilidade é lento e gradual, já nos demonstrou Darwin, dado que é resultado de processos dialéticos. E é aqui que tudo se complica, tornando-se difícil de entender – e mais ainda de aceitar.

Para desfazer este nó, precisamos primeiro saber qual ciência não existe mais. Resposta: a verdadeira. E o que é ciência verdadeira? É aquela que nasceu com o homem e vem garantindo a sobrevivência da espécie humana até aqui. O homem é um animal que precisa, muito mais do que qualquer outro, conhecer e entender o chão em que pisa, tomar ciência das coisas e entendê-las, para não ser suplantado por elas. Só assim pode superar as dificuldades e garantir a sobrevivência da espécie.

O indivíduo que não entende corretamente a realidade padece, uma vez que ela o domina e faz dele o que bem entende, podendo até mesmo levá-lo à morte. Assim, ser alienado, isto é, viciado em convicções falsas e equivocadas, já entranhadas na mente, é caminhar cegamente para outros equívocos ainda maiores. Por isso, o homem moderno precisa, antes de tudo, libertar-se deste vício malévolo, que são as falsas convicções, para que não pereça e possa superar as dificuldades. A única maneira de suplantá-las é pela via da ciência e do conhecimento, ou seja, da razão.

O homem é o único animal que precisa fazer ciência, ou melhor, que depende da ciência. Para ele, fazer ciência é uma questão de sobrevivência. Para os demais seres vivos, não, porque "aprenderam" a sobreviver de outras maneiras, inclusive instintivamente, e podem prescindir da ciência. Não tiveram a necessidade de "aprender" a ser racionais, pois foi suficiente terem "aprendido", na sua evolução, a capturar instintivamente o sentido das coisas.

Já nossa pré-espécie, aquela que nos antecedeu e, no processo evolutivo, transformou-se em humana – abordamos isto na primeira parte –, ao contrário, teve de "aprender" a pensar para poder dominar e suplantando as dificuldades do mundo. E isto porque era pré-espécie frágil, mais que as demais, motivo pelo qual teve dificuldades para se adaptar e fazer frente aos novos obstáculos que a Natureza passou a impor a todos os seres vivos, numa determinada época da história do planeta, por razões que a ciência ainda tenta desvendar (e que pode ter sido provocada pela queda de um grande asteroide etc.)

Ou seja, nossa pré-espécie teve de "aprender" a saber, a conhecer, em resumo, a fazer ciência para não morrer. Na verdade, o esforço pela sobrevivência gera esta "necessidade" de "compreender" o meio ambiente, para que a espécie possa se adaptar, afirmar-se e vencer as dificuldades. Mesmo uma árvore "retém conhecimentos" a respeito da Natureza, sem os quais sua espécie jamais poderia ter-se afirmado, tamanhos os obstáculos impostos pelo meio ambiente.

Quando surge a dificuldade, qualquer animal "se esforça" para "entendê-la" e, a partir daí, suplantá-la. Portanto, todo esforço de sobrevivência, em qualquer espécie, leva à inteligência e à razão. Só o homem, no seu esforço evolutivo, teve de desenvolver o tamanho do cérebro e sua capacidade de percepção. Por isso, chegou lá. A maioria esmagadora dos seres vivos não necessitou avançar até este ponto nem começar a pensar, pois conseguiu vencer, antes, as barreiras impostas e dominar a Natureza de outras formas, à sua maneira, instintivamente, como já vimos.

O homem é o único animal que precisou entender a Natureza para, com a ajuda dos inventos e descobertas que aprendeu a fazer – isto é, da ciência –, dominar e suplantando as dificuldades. Do contrário, não as teria superado e poderia até ter sucumbido diante delas. Não fosse a ciência que fez até aqui, o homem teria ficado nas primeiras tentativas para preservar a espécie, na sua luta pela sobrevivência, e muito provavelmente desaparecido.

Assim, o homem não é nada sem a ciência, cujo conceito verdadeiro restituo agora: pensar é, em essência, fazer ciência, porque é tomar conhecimento para superar a dificuldade. Chegar a um invento é também fazer ciência, porque expande nosso nível de conhecimento e promove o avanço.

Pensar é, portanto, existir. E existir é fazer ciência. É o *cogito ergo sum*, o "penso, logo existo" de Descartes. Faço ciência, logo, penso. Existo, logo, faço ciência. Existir é pensar e pensar é também fazer ciência.

Daí podermos concluir que – dialética das mais refinadas – o homem é a ciência e a ciência é o homem. Ou melhor, que ambos, homem e ciência, compõem uma mesma totalidade finita, um mesmo ser, um mesmo dado de realidade, uma mesma unidade. Na verdade, a ciência nasce com o homem e não existe fora dele, da mesma forma que o homem só é homem na ciência e porque faz ciência, deixando de existir sem ela. Se a publicidade é, dizem, a alma do negócio, a ciência é o grande negócio da alma, pois aí está não só para conservar a espécie, mas também para servir de mola propulsora ao avanço e à evolução humana.

Quando o homem primitivo, bem nos seus primórdios, deu início às atividades de caça e pesca e passou a sair em busca de frutos, vegetais e raízes para se alimentar e garantir a sobrevivência da espécie – naquele momento, foi obrigado a fazer ciência. Isto é, teve de entender o que são a floresta, o rio, o mar, a caça, o peixe, a presa que lhe serve de alimento, enfim, precisou compreender a realidade. Tanto que, num segundo momento, necessitou criar a linguagem para se comunicar e facilitar o relacionamento com os semelhantes e expandir sua capacidade de compreensão da realidade.

A autêntica fonte do conhecimento era, portanto, seu trabalho, o único meio pelo qual fazia espontaneamente ciência, com o que podia garantir a sobrevivência da espécie. Isto porque o trabalho despendido na época era bem diferente do de hoje. Ao mesmo tempo em que trabalhava (no seu atrito diário com a Natureza), o homem ia fazendo naturalmente descobertas e chegando a inventos como a lança, o arco e a flecha, o machado etc. Tais achados surgiam de forma natural, no trabalho, no dia-a-dia de sua luta pela vida. O trabalho era, assim, sua grande fonte espiritual. Era, portanto, um trabalho luminoso, enriquecedor, pois o desenvolvia não só física, mas espiritual e mentalmente, potencializando-lhe aptidões e abrindo-lhe possibilidades para novas descobertas. Aquilo é que era trabalho autêntico! Aquilo é que era ciência verdadeira!

O homem crescia e avançava no trabalho, que era não só uma necessidade da espécie, mas notável aprendizado, a melhor das escolas, pois nele o homem fazia ciência (inventos, descobertas, achados) espontaneamente. Em suma, no trabalho primitivo, o ser humano conhecia, descobria e inventava coisas – isto é, fazia naturalmente ciência – para manter viva a espécie e poder seguir com equilíbrio seu processo evolutivo, hominizando-se (aperfeiçoando-se como homem).

Tão logo se afirmou como espécie nova no planeta – advinda de uma pré-espécie que era um tipo de primata qualquer, como já comprovou a ciência –, o homem teve de se impor uma nova prática, um novo exercício: passar a capturar a essência dos dados de realidade que lhe eram vitais, e que se lhe apresentavam como obstáculos, para poder vencê-los em vez de sucumbir a eles. Ou seja, o homem teve de fazer ciência (esquentar muito a cabeça, diariamente, no trabalho), para não morrer. O trabalho resumia-se à sua luta pela sobrevivência e a ciência era o instrumento por meio do qual conseguia não ser derrotado nessa luta.

Assim, nessa época, todos eram cientistas, não havia separação entre trabalho físico e intelectual: os indivíduos iam ao trabalho e voltavam dele enriquecidos intelectualmente, como verdadeiros cientistas, com inventos e descobertas que faziam de forma natural, naquela sua maneira muito particular de lutar todos os dias pela sobrevivência.

Já com o advento da sociedade de classes – formada há milênios como resultado das guerras intertribais levadas a efeito por conta da escassez territorial, o que as obrigou a buscar novos espaços e a lutar para conservar as faixas de terra onde viviam –, essa forma de trabalho, enriquecedora, começa a desabar lenta e gradualmente. Processo que culminará com seu desaparecimento, sem deixar muitos vestígios, na sociedade de classes regida pelo capital, esta de

nossos dias, em que uma classe de homens trabalha não mais para si, mas para outra classe, em troca de salários. Ou seja, em que o homem não mais trabalha para o próprio sustento, mas para o sustento e enriquecimento de outros.

Isto é, a ciência verdadeira, essa que tínhamos na sociedade primitiva, acaba na sociedade de classes; seus resquícios são varridos de vez na sociedade atual, capitalista, em que o homem não mais trabalha com a finalidade de garantir a própria sobrevivência e a da espécie, mas para que outros possam tirar proveito disso e até enriquecer explorando e expropriando trabalho alheio.

Hoje, a ciência não é mais um dom exercido naturalmente por todos, no trabalho. Atualmente, é preciso estudar e se formar em ciência para ser cientista. É necessário também se especializar, sem o que não se pode inventar nem fazer ciência. Isto é, o homem atual depende trabalho abstrato, não para si, mas para proveito de outro, como burro de carga. A ciência já comprovou, embora a maioria dos cientistas desconheça: a nova sociedade que se afirmou lá atrás, caracterizada pela divisão em classes e pela exploração do homem pelo homem – e que já tem alguns milhares de anos –, não é natural nem aconteceu por livre escolha da espécie humana.

Pelo contrário, afirmou-se de forma ocasional e involuntariamente, como já vimos, resultado das guerras intertribais. E veio para mudar radicalmente a humanidade. Na realidade, veio para inverter e virar do avesso as coisas, ou melhor, alterar a maneira como o homem trabalhava livremente, mais do que isso: revolucionar o modo como o ser humano se empenhava para preservar a espécie.

É justamente nesse "direito" de alguém explorar o trabalho de outro que está o "x" da questão. Há aqui um direito espúrio, forma até então inaudita de violência. Este será o ponto arqui-médico, alavancador, de toda a sociedade que se ergueu em seguida e enveredou depois pelo capitalismo, persistindo até hoje.

Dessa maneira, o que era contradição saudável – o conflito entre homem e a Natureza pela garantia da sobrevivência da espécie humana – transformou-se em pesadelo. Isto porque, para resolver esta contradição natural, necessária e saudável, o homem teve involuntariamente de lançar mão de outra, indesejável e antagonica e que só podia ser aceita se imposta pela força: a subordinação de um pelo outro, a exploração do homem pelo homem, a expropriação de força de trabalho (hoje, de mais-valia), o que carece de racionalidade. Este foi o nosso verdadeiro pecado original, uma vez que acabará por gerar o homem de hoje, este que caminha para a completa falência dos órgãos (o *não-homem*) e que já infestou nossa sociedade, como veremos a seguir.

Até hoje, a humanidade vive esse pesadelo, em que uma contradição, nefasta e antagonica (a divisão em classes), passou a ameaçar outra, que sempre foi imprescindível e essencial à sobrevivência de nossa espécie: o conflito saudável entre o homem e a Natureza. Esta mudança pôs em risco a vida humana. Pior, comprometeu o processo evolutivo da espécie, uma vez que, sim, continuamos evoluindo, mas a partir daí em permanente deformação (atingindo em cheio o fenômeno da hominização, que é a afirmação, a evolução e o constante aperfeiçoamento da espécie humana, só que agora invertido e do lado do avesso).

Tomada equivocadamente até aqui como normal, natural e inerente à natureza humana, essa nova contradição imposta como forma de garantir a sobrevivência da espécie – portanto, esse novo modo de produzir, um explorando o trabalho de outro –, na verdade, pôs de pé o mundo notadamente invertido e do avesso que aí está e que chegou até nossos dias. O homem comum e a maioria dos cientistas modernos não percebem que o capitalismo, por exemplo, uma forma de sociedade de classes, é o mundo virado do avesso. Acham que se trata de um mundo normal, natural, e que não há o que fazer para mudar de rumo "o rio da humanidade". Eis o pesadelo.

E nem dá para ser neutro ou imparcial nessa situação, bem como não existem neutralidade nem imparcialidade na sociedade de classes, principalmente na de hoje, regida pelo capital, em que

você, como já vimos, ou é opressor (patrão, empregador etc.) ou é oprimido (trabalhador, empregado e também o desempregado), ainda que inconsciente disto. Em suma, sob o capital, ou você violenta ou é violentado, não há escolha; e quem tenta ser neutro diante disso vai ser tudo, menos neutro: sem dúvida, será justamente aquele que, ao tentar ficar acima dessa violência aqui denunciada, acabará tendo de fazer vistas grossas, compactuar – mais: ser conivente com ela e, pior, cair na apologia indireta da opressão, ou seja, da vida capitalista.

Não sabe disso, por exemplo, José Pereira de Oliveira Júnior, o Júnior, líder do Grupo Cultural Afroreggae, que luta pacificamente para diluir a ação do narcotráfico no Rio e se diz neutro na "briga" que se trava nas favelas da cidade, entre as "autoridades" e o narcotráfico. Ser neutro, neste caso, é, primeiro, não ter entendido a miséria, a favela e o narcotráfico. E, por fim, fazer apologia indireta de toda essa situação de violência que impera hoje, emanada da expropriação de mais-valia, e que justamente leva à miséria, à favela e ao narcotráfico. Ou seja, a neutralidade, neste caso, só serve de estímulo à opressão perpetrada todos os dias pelo capital.

Obviamente, não estou apregoando aqui uma volta rousseauiana e nostálgica à sociedade primitiva, àqueles tempos de liberdade verdadeira. Aquela forma de sociedade esteve longe de ser paradisíaca. Pelo contrário, foi de extrema dificuldade, em que o homem, ainda na infância do conhecimento e da razão, não sabia como enfrentar com consciência a Natureza e o meio ambiente. Tão logo nossa pré-espécie adquiriu a razão e tornou-se humana, ficamos meio que sem saber o que fazer com nossos instintos básicos e passamos a viver em meio ao medo de usá-los inconseqüentemente, como muito bem nos mostra Erich Fromm em seu livro *O Medo à Liberdade*.

Na verdade, ainda que razoavelmente adaptado às condições ambientais, o homem vivia, à época, seu primeiro grande inferno astral, pois ainda não dominava bem seus instintos. E, por não estar dividido em classes nem conhecer a opressão, experimentou duro período de estagnação.

Já vimos que, se você põe cem mil escravos para trabalhar sob o tacão do chicote, nascem daí algumas maravilhas como as pirâmides e numerosos inventos. Agora, se você tem de ir sozinho ao rio para pescar, a fim de poder alimentar sua prole, provavelmente vai passar o dia naquilo. Sim, aprendendo muito, aperfeiçoando-se e inventando também instrumentos que o ajudam e enriquecem espiritualmente, como o arco e a flecha, a lança, o machado etc. Sem dúvida, voltará para casa mais sábio e mais experiente, porém, só com cinco ou seis peixes. Portanto, seu aperfeiçoamento (a hominização) será lento, porque restrito a esta sua atividade individual, sem a imposição de outro.

Então, a sociedade primitiva era extenuante, longe de mim querer voltar a ela. O mundo invertido da sociedade de classes, mesmo o regido pelo capital, é melhor que o primitivo. Mas não deixa de ser um mundo invertido e pelo avesso. Invertido e pelo avesso por quê? Porque se assentou numa inversão, ou melhor, numa subversão: justamente o fato de o homem poder passar a usar abstratamente a força de trabalho de um semelhante para tirar vantagens disto.

Aqui está a verdadeira violência, que a humanidade não conhecia até então, que perdura até hoje e que nunca deixará de ser violência, mesmo para aquele que cede sua força de trabalho e recebe em troca teto, proteção, alimento ou até mesmo um bom salário. Tem sido uma espécie de desvio de rumo involuntário da humanidade, muito difícil de corrigir e pelo qual estamos pagando muito caro, uma vez que o homem faz história, sim, mas em condições que não determina, como diz Marx.

Assim, assentada nessa nova forma de violência – que é, já vimos, o direito nem um pouco natural que passou a ter o homem de explorar e expropriar força de trabalho de outro, visando a obter vantagens com isso –, essa nova sociedade, formada agora por duas classes, já começou em guerra. Ou seja, a sociedade de classes – principalmente, esta que temos hoje, historicamente mais

recente, de talhe capitalista –, assenta-se nesse conflito permanente, a luta de classes, que é justamente a continuação das velhas guerras intertribais, só que agora em outros termos.

Desde o nascedouro, a sociedade de classes – não importa as formas que tenha assumido na história – caracteriza-se, portanto, pelo conflito entre esses dois tipos de homens: de um lado, os que exploram e expropriam força de trabalho; de outro, os que têm força de trabalho expropriada. Ah, e há também aqueles que não são nem uma coisa nem outra: hoje, os desempregados.

Portanto, é a existência dessas duas classes – hoje, patrões e empregados – o que de fato promove a luta de classes, não o trabalhador. A luta de classes não é, nem nunca foi, o conflito direto e armado entre duas classes, mas, principalmente, a oposição existente entre ambas, essa contradição, essa luta de contrários presente na sociedade e que está sempre prestes a explodir.

Tão logo se afirmou como indivíduo de uma classe – seja na condição de escravo, servo ou assalariado –, aquele que trabalha (você ainda tem alguma dúvida de que ele é um oprimido?) passou, então, a resistir a tal submissão, intercalando períodos de consciência e intolerância com fases de obscuridade, alienação e sucumbência. Principalmente, porque nunca é justo aquilo que recebe em troca pelo seu trabalho, além do que é sempre violência e humilhação ter de trabalhar para outro.

O escravo da Antigüidade, por exemplo, erguia pirâmides, um verdadeiro milagre, e recebia em troca apenas teto, alimento e proteção, ou seja, o mínimo para garantir sua sobrevivência. Enfim, recebia bens e serviços que ele mesmo produzia, com a ajuda dos demais escravos, e que chegavam até ele na forma de "pagamento".

Já o servo da Idade Média também era submetido à mesma injustiça, pois se via obrigado a destinar a maior parte de sua colheita ao senhor feudal, em troca de proteção e de uma parte ínfima de sua própria produção, com a qual garantia, com dificuldades, a sobrevivência. Como também não recebia o justo pelo seu trabalho, e como precisava trocar parte do que lhe sobrava da própria produção ou do que produzia artesanalmente por uma série de produtos de que precisava, o servo feudal inaugurou uma fase profícua de trocas, as quais deram origem às feiras medievais.

Essas feiras cresceram e geraram cidades ao seu redor (burgos), como Paris. Forjaram também uma nova classe de homens, a burguesia (habitante dos burgos), formada pelos burgueses. Eram aqueles que produziam e, ao mesmo tempo, comercializavam parte do cultivo que lhes restava e vendiam os bens que fabricavam artesanalmente, para poder sobreviver. Essa nova classe prosperaria com o comércio, vindo a formar uma nova sociedade, esta que temos hoje, de talhe capitalista, que se globalizaria até se tornar dominante no planeta.

O problema é que a vida capitalista também não reparou a velha injustiça aqui apontada, da expropriação de trabalho. Pior, agravou-a. A parte que trabalha, além da humilhação e da violência a que é submetida, não é igualmente paga, pois o salário nunca é justa remuneração, até porque nunca há justa remuneração pelo trabalho alheio. Veremos, mais adiante, que o capitalismo é a forma de produção que mais usurpa trabalho alheio sem recompensá-lo e que mais violenta, com o truque do salário, aquele que garante a produção com o suor de seu trabalho.

Veremos também que o salário é, portanto, ardil, artifício barato que, numa proporção bastante expressiva na sociedade moderna, não dá nem mesmo para garantir a subsistência do trabalhador, humilhando-o e violentando-o mais do que qualquer outra forma de recompensa pelo trabalho. Em outras palavras, nunca a parte que trabalha, na sociedade de classes, é devidamente recompensada, além de estar sempre sendo obrigada a submeter-se à violência e à humilhação que é trabalhar para outro. Natural é o homem trabalhar para si e para a espécie. Trabalhar para outro é, sempre, subserviência, violência, degradação.

Acabamos de ver também que essa injustiça – a violência que o homem pratica contra si mesmo, expropriando força de trabalho de outro – tem sido tão marcante, na sociedade de classes,

que acabou por colocar de pé até mesmo uma nova sociedade, mais expropriadora e violenta que as anteriores, esta que aí está, a capitalista de nossos dias, que é o avesso do avesso do avesso.

Lamentavelmente, o homem que emergiu dessa realidade capitalista encontra-se na fase da obscuridade, alienação e sucumbência. É o homem plenamente desirmanado, em meio à "*bellum omnium contra omnes*", isto é, à "*guerra de todos contra todos*" e do salve-se quem puder. Hoje, somos individualidades isoladas e solitárias, que só podemos contar com nossa própria força de trabalho, quando muito, com a de nossos mais próximos para sobreviver.

"*O homem só se isola em sociedade*", dizia Marx. E se isola muito mais na sociedade de classes, especialmente na de hoje, acrescento. Por isso, não tem outra saída senão se ensimesmar e se tornar egoísta, pois, se não pensar em si e nos seus, e não se defender, ninguém fará isso por ele. Ora, o homem é um ser que responde, diz o filósofo húngaro György Lukács. Se pratica ação violenta contra o semelhante, pratica-a contra si próprio, porque a pratica contra a espécie à qual pertence. E é óbvio que, se pratica violência contra o semelhante, receberá como resposta algo em troca que, muito provavelmente, será violento também.

Sempre que assentado sobre uma injustiça e tendo por base a violência – como é, já vimos, a sociedade de hoje, erguida sobre a divisão de classes –, o mundo dos homens padece e apodrece. O ato de um ser humano usurpar qualquer coisa de outro, principalmente força de trabalho, leva à submissão e, naturalmente, ao conflito e a mais violência ainda.

Toda vez que uma espécie é rachada ao meio, dividindo-se em opressores e oprimidos, mesmo que involuntariamente e não acompanhada da consciência desse fato – e só a espécie humana é capaz de tal proeza –, todos perdem, ou seja, a humanidade perde e a espécie se fragiliza. O que é óbvio: quando homens se desirmanam em vez de se manterem solidários, o que se desfaz são a magia e o encanto da união. E aí desponta a sociedade da instabilidade, da discórdia e da disputa, portanto, da desigualdade e da turbulência, ou seja, o conflito nada saudável que trará, lá na frente, novas doenças, maior destruição ao meio ambiente e todos os tipos de desequilíbrios.

Mais do que isso, aquele que põe outro para trabalhar, a fim de tirar proveito disto, deixa de lutar diretamente na Natureza pela sobrevivência, pois agora tem quem faça isto por ele e para ele. Ao se distanciar assim da Natureza, perde a noção da importância do meio ambiente, ou seja, do todo para sua sobrevivência, ao mesmo tempo em que começa a definhando física e mentalmente.

A mesma perda, ainda que sob outra forma, ocorrerá também com aquele que recebeu a incumbência de despendar força de trabalho abstratamente para outro, seja ele escravo, servo ou assalariado. Este também irá se afastar de seu ambiente natural de trabalho, porque passará a cumprir uma mesma tarefa, monotonamente, todos os dias, em geral num mesmo local. Cairá, assim, na rotina do trabalho alienado, abstrato e não-enriquecedor, oposto àquele que ele despenderia primitivamente.

Nesse momento, esse homem vai também se alienando, na medida em que acaba perdendo, como aconteceu com o seu senhor ou seu patrão, a noção da importância da Natureza e do meio ambiente na luta pela sobrevivência de nossa espécie. Deixa de enxergar que é parte de um todo, a Natureza, e que está integrado a ela. As classes são, portanto, a falência daquilo que de mais humano existe no ser humano: a irmandade, a sociabilidade saudável, a essencial interação da espécie com o meio ambiente.

Nenhuma outra espécie viva perdeu esse elo com o meio ambiente e com os semelhantes, só o homem e os animais domesticados. Até porque, se alguma delas o tivesse perdido e isolado seus exemplares, já teria desaparecido. Outro dia (20/3/2007), li no UOL, extraído de *The New York Times*, artigo sobre este tema, assinado por Nicholas Wade. O texto mostrava que biólogos haviam descoberto justamente isso: alguns tipos de macacos (*rhesus*) sensibilizavam-se com o sofrimento de seus semelhantes.

Exemplares que não sabiam nadar saltavam na água e morriam afogados em piscinas do zoológico para salvar outros de sua espécie. Se, para comer, precisavam puxar uma corrente que desferia choque elétrico em outro da espécie, desistiam nas primeiras tentativas e optavam por passar fome. Não seria isto uma demonstração da presença instintiva do elo entre a espécie e a Natureza, e entre os próprios exemplares da espécie? Surpreende que o artigo, embora faça menção a tal revelação, não chegue a esta mesma conclusão. Argumenta apenas que esse comportamento dos *rhesus* seria precursor da moralidade humana.

Mas a resposta do homem a todo esse isolamento e a essa solidão vem logo. Presos a essa condição de submissão e subserviência, os indivíduos reagirão, gritarão, espernearão. Muitos partirão para a revolta. O novo homem que emergirá dessa situação, até chegar ao de hoje, é justamente o *não-homem*: um ser dessensibilizado, revoltado, desirmanado, sem objetivos, ensimesmado, egoísta e, principalmente, sem consciência. Não sabe por que está no mundo, perdeu de vista a importância do meio ambiente e do todo e faz do outro, inclusive do amigo, um inimigo.

É assim: na sociedade de classes estão, de um lado, o opressor, que não vê outra saída, para conservar essa sua condição (de usurpador inconsciente que se apropria da força de trabalho de outro e tira proveito disso), se não criar instrumentos e mecanismos de defesa para fazer frente às revoltas e rebeliões. Nasce nesse momento, e com esse fim, a polícia, o Estado, as leis, as instituições e tudo que aí está na realidade objetiva de nossos dias. São evidentes instrumentos de vigilância, amparo, proteção e apoio logístico às classes dominantes.

Do outro lado da sociedade de classes, temos de enfatizar, está o oprimido. Nenhum dos lados, salvo raras exceções, tem inteira consciência de sua condição nem de que a sociedade rachou. É óbvio que uma situação dessas, de perene insatisfação e conflito irracional (a luta de classes), só pode empurrar o ser humano para o martírio e o abismo.

Assim, o homem moderno é infeliz na origem, ou seja, desde o momento em que nasce. E essa infelicidade tem raiz justamente nessa divisão de classes e no direito conquistado à força, pelo homem, de explorar e expropriar força de trabalho alheia, inicialmente do escravo, depois do servo e, finalmente, do assalariado (hoje, sob a forma de mais-valia). Mesmo que seja coroado rei ou fique milionário, o indivíduo permanecerá infeliz, porque perdeu demais com a desunião, ainda que a humanidade tenha ganho muito também com ela (na produção de bens materiais e em avanço tecnológico etc.).

O ser humano é hoje vítima dessa armadilha que armou para si mesmo. Infeliz assim, e agora solitário – já que a sociedade de classes inverteu o mundo e virou tudo do avesso, desirmanando e desagregando a espécie –, o homem só podia sair em busca de algo que o fizesse aplacar toda essa dor. Procura o que o leve a escapar desse sofrimento e desespero, mesmo aquele indivíduo que já obteve tudo o que queria – e, ainda assim, não consegue deixar de ser infeliz. Como poderia ser diferente, se o homem acabou sozinho, num mato sem cachorro, em que precisa garantir só com o próprio esforço, e com a exploração que recai sobre ele, sua sobrevivência e a dos seus?

Para obter o que tanto anseia e não consegue, no seu dia-a-dia, o que esse homem vai encontrar, como saída e ponto de fuga – na religião, nas drogas, no roubo –, nem de longe é solução, porque não lhe extirpa a dor nem lhe conforta verdadeiramente. Um ou outro indivíduo é "compensado pelos milagres da fé", que move montanhas, é verdade, mas a maioria se deixa seduzir por esse ópio do povo, que é a religião, ou se põe a roubar, e todos acabam despencando, do mesmo jeito, e caindo no abismo da vida regida pelo capital.

E aí só conseguem mascarar a infelicidade, já que nenhuma religião, roubo ou droga têm a capacidade de aplacar verdadeiramente a dor. Eles, no máximo, diluem ou esvaziam a revolta, pelo seu poder anestésico e de persuasão. Como garantem ilusão e confortam temporária e

paliativamente, a religião, as drogas e o roubo tornaram-se atividades atraentes e lucrativas. Mais: estão hoje industrializadas e globalizadas, com seus produtos à venda em templos e prateleiras de mercados bastante competitivos e disputados. Muitas vezes, as três atividades se unem – religião, narcotráfico e criminalidade – para uma abastecer a outra e elas em conjunto se locupletarem.

Assim, o pior dos homens é o *não-homem*, aquele que perdeu de vista toda essa verdade a respeito de si mesmo e não sabe que vem sendo enganado há milênios. É o que, completamente alienado, imagina que a vida de hoje é normal e natural. Não enxerga que trabalhar para outro é violência e que salário é truque. Eis o mais intragável dos seres humanos.

Como ele vê esse tipo de vida irracional se repetir todos os dias e como acaba se viciando nela como bobo da corte, na condição de robô cego condicionado à violência, esse *não-homem* acha que "a vida é assim mesmo, difícil e dura como sempre" e que "não há o que fazer". No entender do não-homem, trabalhar para outro – mesmo que tenha consciência de que isto é a verdadeira violência e o autêntico pecado original – é natural e normal, uma vez que o homem, apregoa ele, é violento e opressor por natureza. E, acha ele, é no mínimo inútil, para não dizer uma enorme estupidez, tentar mudar isso.

Daí ser uma bobagem, para esse não-homem, refletir sobre a vida de hoje e toda a sua mesmice, uma vez que ela é, diz ele, irracional e sem sentido, cercada de mistérios insolúveis e, portanto, imutável e irremediável. Esta é a razão pela qual o não-homem não pensa nem reflete mais. Aquele que tenta mudar o mundo – seja pela arte, pela política, pela filosofia, por onde for – estará chovendo no molhado e fatalmente cairá no blabláblá, como afirma categoricamente meu amigo de infância de Curitiba, o poeta Rui Werneck de Capistrano, um bom exemplo de irracionalista (aquele que não crê no potencial da razão e para quem nunca chegamos às verdades). Para Werneck, o homem que tenta conhecer (isto é, fazer ciência para entender) o mundo, acaba se transformando numa gralha que, de tanto descobrir o óbvio (as mesmices do cotidiano) e dizer abobrinhas, fatalmente cairá no blabláblá e acabará em frangalhos.

O novo livro de poesias de Werneck (abril/2007) tem justamente esse nome: *Blabláblá – Diálogos Aristoplatônicos – Blabláblá*. E vem com novo pseudônimo de Werneck, Franz Gralha, óbvio trocadilho de "frangalho". Nas poesias do livro – uma verdadeira metralhadora (Werneck é um poeta de primeira) –, o autor procura mostrar justamente isto: que tudo na vida, principalmente a arte, não tem sentido, é irracional e cercado de mistérios, não adianta nem tentar entender ou procurar mudar o curso da humanidade. Por exemplo, a arte que tem conteúdo, segundo Werneck, não é arte, porque chove no molhado, cai nas obviedades e no blabláblá. É por isso que, para o autor, a forma é a essência da arte, e não o conteúdo, que nunca tem importância.

Em *Blabláblá – Diálogos Aristoplatônicos...*, Werneck consegue produzir seu melhor trabalho poético (conheço toda a obra dele e esta mais recente é fantástica). Vi nessas novas poesias um novo T. S. Elliot. O problema é que a própria obra contradiz e derruba o autor, pois tenta nos impingir um conteúdo – o de que a vida é assim mesmo, irracional e violenta, não há o que fazer –, fazendo isto passar por verdade absoluta que precisamos engolir cru e sem tempero, simplesmente porque o deseja Werneck. Ora, não temos aqui um Werneck refletindo com profundidade sobre a vida e a realidade, ao dizer que é bobagem e cair no blabláblá refletir sobre a vida e a realidade?

Assim, o novo livro de Werneck acaba provando exatamente o contrário do que se propõe o autor: que o conteúdo é, sim, importante e até fundamental, na arte e em qualquer lugar. Afinal, não tentam essas novas poesias dele justamente nos impor um conteúdo, que inclusive é fundamental e decisivo para o autor, na medida em que seu novo trabalho procura nos levar a entender a vida e a compreendê-la como de fato a enxerga Werneck, realizando o maior desejo do poeta?

Eis o irracionalismo, que tomou conta das mentes *não-homínicas*, ou seja, da maioria dos humanos "não-homens", infestando nosso planeta de seres alienados e inconscientes, mesmo os

mais geniais, de poetas como Werneck a cientistas de renome. Eles não conseguem enxergar que o homem de hoje, esse *não-homem-besta*, não foi sempre assim, é apenas o homem cria da sociedade de classes, principalmente da regida pelo capital.

É, portanto, o homem desmemoriado e irracional por excelência, apequenado por circunstâncias impostas pelo foro social, mas passível de mudanças, sim. Os irracionais são solidários em achar que o mundo está perdido, porque o homem seria naturalmente ensimesmado, egoísta e violento (já teria isto no seu DNA), e a "natureza humana é imprevisível". Não vêem que este homem é o da sociedade de classes, transitório e histórico, nem que o ser humano já foi diferente disso um dia, ou seja, não foi sempre assim.

Para o irracionalista, os homens não são irmãos, ainda que a espécie humana seja gênero. Portanto, não passam de naturais inimigos uns dos outros. Sempre, garante o irracionalista, o indivíduo foi obrigado a pensar só nele para não ser engolido pelo semelhante, ou melhor, pelo *não-homem-naturalmente-violento*, e não há nada que possa mudar isto. O resto é blablablá, como diz Werneck, ou silêncio, como pediria Shakespeare. Por isso, rio quando vejo, em artigos de jornais, comentaristas especializados e de renome dizerem – a respeito de medidas tomadas pelo poder público, o verdadeiro guardião da vida capitalista –, que elas não foram "suficientemente debatidas" antes pela sociedade.

Ora, que medidas toma o poder público na sociedade moderna (portanto, esta, inconsciente e alienada de hoje) que não sejam, direta ou indiretamente, para resguardar e alavancar o capital? Debater com a sociedade, neste caso, é que é chover no molhado e cair no blablablá, pois é a inconsciência querendo impor medidas a inconscientes! É desejar que a inconsciência debata com inconscientes medidas irracionais e inseqüentes! Enfim, é muita alienação!